

Sou poeta numa língua muito estranha
Uma língua rude e medonha
Em que pouca gente destreza tem
Caprichosa, desdenhosa, exigente
Que maltrata toda gente
E a poucos costuma querer bem.

Seu pouco alcance a arreliou
Por querer a todo mundo falar
Mas isso não a calou,
Quis sempre se expressar!
Tem sido minha desdita
Tem sido minha paixão
Sou prisioneiro da dita
E é minha libertação...
Abraça meio mundo, confusa
Gente negra, branca, mulata, cafuza
Com seu doce querer bem
Esquece em seu gesto nobre
Quem é rico, quem é pobre
Nunca exclui a ninguém.

Trama rica

Rica gama

Futrica,

Mente, engana

- Apostrofe

E barafunda.

Sempre pronta a confundir

Embaralha

Atrapalha

Minha língua de iludir.

Com tanto melindre, tanto detalhe

Com tanta riqueza e beleza

Em seu místico talhe

Eis a língua portuguesa.

Antológicas página 116.

Foto de fundo: Domínio público, por Pixabay.